

## **O MUSEU DAS REMOÇÕES SOMOS NÓS - Cotidiano e memórias na (e da) Vila Autódromo**

Taísa Sanches<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo busca explorar a relevância dos usos da memória na construção do cotidiano da Vila Autódromo, a partir da formação do Museu das Remoções, localizado na comunidade. O processo de remoção quase completa da localidade já foi bastante explorado nos últimos anos (TANAKA et al, 2018; GONÇALVES & VALE, 2019; MEDEIROS, 2019; entre outros) assim como a formação do Museu das Remoções (BOGADO, 2017; CHAGAS et al, 2018). Há uma lacuna, passados os Jogos Olímpicos, no que tange ao entendimento dos usos das memórias dos antigos e atuais moradores para a construção do Museu e de seu cotidiano na localidade. Este artigo pretende explorar esse caminho através de pesquisa histórica e exploração empírica. Na primeira parte, é apresentada a formação dos museus sociais na cidade, inclusive o Museu das Remoções. Em seguida, analisam-se os usos das memórias na construção do cotidiano da Vila Autódromo atual, e o que representam na luta pelo direito à cidade que os moradores continuam travando diariamente.

**Palavras-chave:** Museus sociais; memória; cotidiano; favelas; Rio de Janeiro.

## **WE ARE THE MUSEUM OF REMOVALS - Everyday life and memories in (and of) Vila Autódromo**

### **Abstract**

This article seeks to explore the relevance of the uses of memory in the construction of the daily life of Vila Autódromo, based on the foundation of the Museum of Removals, located in the community. The process of almost complete removal from the locality has been extensively explored in recent years (TANAKA et al, 2018; GONÇALVES & VALE, 2019; MEDEIROS, 2019; among others) and the construction of the Museum of Removals presented (BOGADO, 2017; CHAGAS et al, 2018). There is a gap, after the Olympic Games, with regard to the understanding of the uses of the memories of former and current residents for the construction of the Museum and its daily life in the locality. This article aims to explore that path through historical research and empirical exploration. In the first part, the formation of social museums in the city is

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais (PPGCIS), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). ORCID iD:<https://orcid.org/0000-0002-7372-8321>.

presented, including the Museum of Removals. Then, the uses of memories in the construction of the daily life of the current Vila Autódromo residents are analysed, as a way to explore what they represent in the struggle for the right to the city that residents continue to fight daily.

**Keywords:** Social museums; Memory; Daily Life; Slums; Rio De Janeiro.

## **EL MUSEO DE LOS DESALOJOS SOMOS NOSOTROS - Vida cotidiana y recuerdos de (y en la) Vila Autódromo**

### **Resumen**

Este artículo busca explorar la relevancia de los usos de la memoria en la construcción de la vida cotidiana de Vila Autódromo, basada en la fundación del *Museu das Remoções* (Museo de los desalojos), ubicado en la comunidad. El proceso de eliminación casi completa de la localidad ha sido ampliamente explorado en los últimos años (TANAKA et al, 2018; GONÇALVES & VALE, 2019; MEDEIROS, 2019; entre otros) y la construcción del *Museu das Remoções* presentado (BOGADO, 2017; CHAGAS et al, 2018). Existe una brecha, después de los Juegos Olímpicos, con respecto a la comprensión de los usos de los recuerdos de los antiguos y actuales residentes para la construcción del Museo y su vida cotidiana en la localidad. Este artículo tiene como objetivo explorar ese camino a través de la investigación histórica y la exploración empírica. En la primera parte, se presenta la formación de museos sociales en la ciudad, incluido el *Museu das Remoções*. Luego, se analizan los usos de los recuerdos en la construcción de la vida diaria de los actuales residentes de Vila Autódromo, como una forma de explorar lo que representan en la lucha por el derecho a la ciudad que los residentes continúan luchando diariamente.

**Palabras clave:** Museos Sociales; Memoria; Vida Diaria; Favelas; Rio De Janeiro.

## Introdução

A análise que realizo neste artigo, acerca do cotidiano dos moradores da Vila Autódromo a partir da criação do Museu das Remoções, pretende lançar luz a um fenômeno bastante comum nas favelas cariocas: a criação dos museus sociais como instrumento de permanência e reconhecimento dos moradores em seus bairros. A partir de pesquisa histórica e empírica - realizada junto à comunidade Vila Autódromo e ao Museu das Remoções durante três anos - procuro apresentar a formação dos museus sociais na cidade, do Museu das Remoções especificamente, e a construção do cotidiano da Vila a partir de então.

O reconhecimento institucional<sup>2</sup> dos museus comunitários da cidade do Rio de Janeiro tem suas origens no Programa Cultura Viva, do extinto Ministério da Cultura, e posteriormente no Programa Pontos de Memória, criado em 2009 através de uma parceria entre com o Programa Nacional de Segurança Pública e Cidadania - PRONASCI, do Ministério da Justiça. Segundo informações encontradas na página do programa na web, ele consistia em

um conjunto de ações e iniciativas de reconhecimento e valorização da memória social, de modo que os processos museais protagonizados e desenvolvidos por povos, comunidades, grupos e movimentos sociais, em seus diversos formatos e tipologias, sejam reconhecidos e valorizados como parte integrante e indispensável da memória social brasileira<sup>3</sup>.

A página informa ainda que as ações desenvolvidas visavam a garantir o direito à memória a populações que “requerem maior reconhecimento de seus direitos humanos, sociais e culturais”.

---

<sup>2</sup> Os museus sociais já existiam antes deste reconhecimento. É o caso, por exemplo, do Museu da Maré, reconhecido em 2006 como Ponto de Cultura. O Museu Sankofa, da Rocinha, também é anterior à política de reconhecimento destas iniciativas, foi inaugurado em 2003.

<sup>3</sup>Fonte: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/acoes-e-programas/pontos-de-memoria/programa-pontos-de-memoria/> Acesso em maio de 2019.

O Programa Pontos de Memória identificou, inicialmente, doze<sup>4</sup> comunidades localizadas em bairros periféricos do Brasil (dentre elas, a Pavão-Pavãozinho, no Morro do Cantagalo, Rio de Janeiro), reconhecidas por desenvolver “um trabalho sistemático de identificação, registro, compartilhamento e preservação de suas memórias” (ALCÂNTARA, 2019, p.173). As comunidades selecionadas integraram um projeto-piloto do programa e a experiência foi replicada nos anos seguintes, seguindo a mesma lógica.

Como resultado desta política nacional, diversas comunidades da cidade do Rio de Janeiro foram incentivadas a compartilhar suas memórias através da formação de museus. Em uma Conferência do Movimento Internacional por uma Nova Museologia, realizada em 2013, lançou-se um manifesto que propunha a

museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória (Idem, p. 432)

Na cidade existem hoje diversos museus sociais, dentre eles o Museu do Horto, da Maré e Sankofa da Rocinha. A ideia do Museu das Remoções da Vila Autódromo nasceu em 2015, durante o processo de remoção da comunidade, e ele foi inaugurado oficialmente em maio de 2016, quando realizou-se uma exposição de esculturas feitas por alunos da Universidade Anhanguera<sup>5</sup>, que utilizavam escombros das antigas casas. Localizada ao lado do parque Olímpico, que foi sede dos Jogos de 2016, a comunidade, que já vinha sofrendo ameaças de remoção há décadas, foi violentamente tratada durante os anos de preparação da cidade para receber o evento. De cerca de 650 famílias

---

<sup>4</sup> Brasilândia (São Paulo), Beiru (Salvador), Coque (Recife), Estrutural (Brasília), Grande Bom Jardim (Fortaleza), Jacintinho (Maceió), Lomba do Pinheiro (Porto Alegre), Pavão-Pavãozinho - Cantagalo (Rio de Janeiro), São Pedro (Vitória), Sítio Cerrado (Curitiba), Taquaril (Belo Horizonte) e Terra Firme (Belém).

<sup>5</sup> As esculturas foram resultado de um projeto de extensão do curso de arquitetura da Universidade Anhanguera (sob supervisão da professora Diana Bogado) que realizou atividades de intervenção e requalificação do espaço público.

moradoras da Vila, restaram 20. Meses antes das Olimpíadas, as últimas casas da antiga Vila foram derrubadas, e os moradores que permaneceram foram obrigados a viver em containers durante um tempo<sup>6</sup>. A entrega das 20 novas casas, situadas ao lado de um imenso estacionamento vazio localizado onde antes vivia uma comunidade inteira, foi feita em julho de 2016, dias antes do início dos jogos olímpicos.

Durante o processo de remoção, as famílias se uniram em um movimento social que engloba a participação de universidades<sup>7</sup>, pesquisadores e formadores de opinião<sup>8</sup> e passou a organizar diversas campanhas, como a *Urbaniza Já!* e o *Ocupa Vila Autódromo* (BOGADO, 2017). Os moradores que permaneceram justificam sua luta por questões afetivas que mantinham com a localidade e pelo sentimento de injustiça que aflorou durante as ameaças de remoção.

Os moradores relatam que, através da rede entre ativistas, universidades e outras comunidades ameaçadas de remoções, eles se apropriaram mais de seus direitos e, em meio às remoções, decidiram criar o Museu, uma iniciativa que se propõe a “registrar as práticas sociais da Vila Autódromo e reconstruir a relação entre o território e a memória da comunidade” (BOGADO, 2017, p.280).

As atividades do Museu buscam não só manter a memória da comunidade viva, promover atividades culturais e o diálogo entre diversos atores sociais

---

<sup>6</sup> A Prefeitura Municipal planejava remover toda a comunidade. Vinte famílias conseguiram permanecer vivendo ali após grande mobilização popular, como já apontado em outros artigos científicos (Magalhães, 2012 e 2013; dentre outros) e que não caberia tratar aqui. As famílias que conseguiram permanecer, após acordo com a Prefeitura, tiveram que permanecer vivendo em containers, ao lado das obras do Parque Olímpico, durante a construção das novas casas.

<sup>7</sup> A comunidade, em conjunto com pesquisadores das Universidades Federal Fluminense (UFF) e Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), elaboraram um Plano de Urbanização da Vila Autódromo, como resposta aos projetos de reassentamento apresentados pela prefeitura. O Plano Popular Vila Autódromo foi premiado pelo Deutsche Bank Urban Age Award Rio em 2013 (<https://www.db.com/cr/en/concrete-Urban-Age-Award-2013.htm>, acesso em julho de 2018).

<sup>8</sup> Formadores de opinião como Camila Pitanga e Gregorio Duvivier gravaram vídeos de apoio à campanha, em 2016. <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/personalidades-aderem-campanha-lancada-por-moradores-da-vila-autodromo-18784228>. Acesso em julho de 2018.

envolvidos na luta pelo direito à cidade, mas também é um meio de reivindicação da efetivação do acordo entre prefeitura e moradores da Vila assinado em 2016, que até a atualidade não foi cumprido integralmente<sup>9</sup>. O Museu, segundo defendo aqui, se constitui como importante ferramenta na luta pela permanência e reconhecimento da Vila Autódromo, organizando parte de sua luta e mantendo a rede de apoiadores ativa. A página do grupo no *Facebook*, por exemplo, conta hoje com 2,8 mil seguidores<sup>10</sup> e é um dos meios de divulgação das atividades do Museu, sendo duas das mais recentes uma Ocupação da Estação BRT Centro Olímpico, com o objetivo de demandar a mudança de nome da estação<sup>11</sup> e a finalização do projeto de urbanização acordado com a Prefeitura; e a exibição de um documentário sobre a Vila Autódromo, que retrata a luta durante a preparação da cidade para as Olimpíadas.

Na primeira parte deste artigo, apresento o histórico de formação dos Museus Sociais na cidade do Rio de Janeiro, a partir de uma pesquisa histórica; em seguida, exploro os usos das memórias pelos moradores da Vila Autódromo como estratégia de luta pela permanência e os conflitos cotidianos desses usos decorrentes, utilizando resultados de extensa pesquisa realizada na comunidade. Desta forma, procuro lançar luz ao fenômeno dos Museus Sociais e como impactam o cotidiano da vida dos moradores das comunidades onde se localizam.

---

<sup>9</sup> O projeto de urbanização acordado entre a comunidade e a Prefeitura Municipal incluía, ademais da construção das casas, a reconstrução da Associação de Moradores e do parquinho infantil

<sup>10</sup> Dados de janeiro de 2020. Além da rede social mencionada, o Museu possui perfil no Instagram, onde conta com cerca de 1.700 seguidores (dados de junho de 2020). A quantidade de seguidores aqui exposta não pretende avaliar a popularidade da iniciativa, mas apontar à importância do uso destas ferramentas como parte da manutenção da rede de apoiadores ativa.

<sup>11</sup> A partir da demanda e da Ocupação da estação, o projeto de lei foi levado à Câmara dos Deputados e aprovado em Agosto de 2019. Para mais informações, ver: [https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/0cfaa89fb497093603257735005eb2bc/9d8bb379c572d182832583a6005c1522?OpenDocument&fbclid=IwAR2FDI\\_vrmXPxI9FtdCkqNflUslzRrCUAOseW86d68OCwBuFGRMQ7JK2prQ](https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/0cfaa89fb497093603257735005eb2bc/9d8bb379c572d182832583a6005c1522?OpenDocument&fbclid=IwAR2FDI_vrmXPxI9FtdCkqNflUslzRrCUAOseW86d68OCwBuFGRMQ7JK2prQ). Acesso em janeiro de 2020.

## **Os Museus Sociais do Rio de Janeiro: memória e seus usos**

A preservação da memória como instrumento de luta é um tema fundamental na museologia social, e Mario Chagas, talvez o grande articulador deste conceito na cidade do Rio de Janeiro e um dos co-fundadores do Museu das Remoções, defende a existência dos museus sociais como dispositivos estratégicos “para a defesa da dignidade social, da cidadania e do direito à criatividade e à memória” (CHAGAS, 2013, p. 430).

Os Museus Sociais, dentro dessa perspectiva, não visam a eternidade e têm um caráter que admite sua transitoriedade. Ou seja, podem existir temporariamente, mudar de lugar, mantendo o foco político em ações de agenciamento, como coloca Chagas (2013). É interessante notar que a utilização do título de museu possibilita diferentes perspectivas acerca da proposta da denominada “museologia social”. Tal abordagem se distancia da linguagem tradicional dos museus, que os incluía dentre as instituições de manutenção de hierarquias sociais. Myrian Sepulveda dos Santos (2015), ao propor uma análise sociológica dos museus tradicionais, aponta que estavam direcionados à manutenção de distinções de classe:

podemos perceber que há uma disputa pela legitimação de determinadas áreas do conhecimento e da cultura. O valor da obra de arte, o bom gosto, o paladar refinado, a genialidade do artista, todos são aspectos não só constituídos socialmente, mas capazes de dar poder aos que conseguem legitimar seus produtos culturais como bons ou autênticos (Idem, p.57)

A proposta dos Museus Sociais, por outro lado, está muito mais interessada em transformações sociais do que na manutenção de hierarquias de classe através da apropriação de bens culturais, e luta justamente contra isso. Nesta medida, é interessante pensar em como a manutenção da memória é fundamental na construção do cotidiano de luta por permanência e moradia vivenciada pela maioria das comunidades que abrigam os museus sociais da cidade do Rio de Janeiro.

O mencionado movimento de transformação museológica nasce no final dos anos 1970, de mãos dadas aos grandes movimentos sociais da época, tais como movimento feminista e movimento negro, todos buscando de certa forma explorar as possibilidades de descolonização do mundo em que estavam inseridos. Mario Chagas e Inês Gouveia (2014) mostram que em 1979 foi publicado um livro fundamental para o desenvolvimento da museologia social no mundo todo. Denominado “Os Museus do Mundo”, o livro trazia uma entrevista com Hugues de Varine, em que apresentava experiências museais inovadoras ao redor do globo. Os autores mostram que, cinco anos após a publicação de referida entrevista, ocorreu em Quebec, no Canadá, uma conferência internacional que teve como resultado um documento de lançamento do Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Este caminho levou ao desenvolvimento do debate acerca do papel dos museus, e durante a ECO-1992, no Rio de Janeiro, passou-se a tratar do tema de forma mais específica na cidade, sendo o Ecomuseu de Santa Cruz o primeiro a ser reconhecido e reconhecer-se dentro desta nova perspectiva museal.

O ano de 1993 foi importante no desenvolvimento da perspectiva social dos museus. Foi então que os termos museologia social e sociomuseologia foram oficialmente registrados e passaram a ser utilizados para enfatizar o caráter político da proposta, assim definida:

A museologia social (...) está comprometida com a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros (CHAGAS E GOUVEIA, 2014, p.17)

Os museus sociais formados na Vila Autódromo e outras comunidades cariocas podem ser entendidos, a partir do colocado, como parte de um movimento das classes subalternas de criação de identidade coletiva em

contraposição à elite, e de busca por amplo reconhecimento<sup>12</sup>, dentre eles o de direito à permanência. Isso porque, os museus têm como objetivos preservar a memória da população que vive ou viveu nestes locais e servir como instrumento de luta coletiva; ao passo que demonstram sua existência nos territórios por décadas, buscam negar a ideia de “ocupação irregular” tão utilizada como justificativa para remoções e políticas higienistas. A proposta dos Museu das Remoções é casada à luta por moradia, e sua existência marca a permanência das pessoas no território, procurando dificultar qualquer ameaça de remoção.

### **O Museu das Remoções como cotidiano de luta**

Recorrer à memória como estratégia de permanência pode levar a caminhos não imaginados. Memória aqui, como sugere Pollak (1992), deve ser entendida não somente como um fenômeno individual e afetivo, mas como algo coletivo e sujeito a diferentes apropriações. Quem determina a memória que será usada? Norbert Elias e John L. Scotson (2000), em sua renomada análise da comunidade Winston Parva, percebem uma variação de distinções de valor entre os moradores antigos e mais recentes daquele local. A partir do que denominam “hierarquias classificatórias” (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.166), os autores procuram apontar quais suas consequências à vida comunitária, e percebem que, no caso analisado, os moradores mais antigos da comunidade recorriam à categoria tempo para referir-se a “relações sociais com propriedades específicas” (Idem, p.172), ou seja, a um grau de coesão possível somente ao grupo estabelecido a mais tempo, utilizado como ferramenta de afirmação de status e manutenção do poder frente aos mais recentes moradores.

No caso de Winston Parva, a relação entre “estabelecidos e outsiders” possibilitou a interpretação do fenômeno de mobilidade social na Inglaterra a partir de diversos ângulos. Foi possível verificar, por exemplo, que o

---

<sup>12</sup> Reconhecimento não apenas do direito à moradia compreendido por seu caráter normativo, mas também do direito à cidade e de aceitação de sua existência no espaço urbano.

preconceito não é apenas um pano de fundo de toda a situação, mas “um elemento integrante” verificável tanto nas ações dos mais antigos quanto dos mais novos. Isso só foi possível, segundo os autores, pois eles buscaram estudar a configuração total daquela comunidade. Dito de outra forma,

A meta de um estudo das configurações, como vimos, não é enaltecer ou censurar um lado ou outro ou estudar o que se poderia considerar “disfuncional” (...) Nossa meta não foi avaliar, e sim, tanto quanto possível, explicar - explicar seres humanos em configurações, independentemente de sua “bondade” ou “maldade” relativas, em termos de suas interdependências. (...) Nenhum desses grupos poderia ter-se transformado no que era independentemente do outro. (ELIAS & SCOTSON, 2000, p.181)

A análise dos museus sociais como parte da luta por moradia das localidades em que estão inseridos nos oferece a possibilidade de explicar como as relações sociais das comunidades são encaixadas e a memória se torna um fator de coesão, ainda que em disputa. Uma antiga moradora da Vila Autódromo, que participou ativamente do movimento pela permanência mas que hoje vive em outra localidade, acredita que a luta se desvirtuou do que deveria ser a partir do momento que se aceitou a proposta de construção das novas casas. Para ela, a luta era pela permanência da comunidade nas casas antigas, e não pela construção de outras casas. Morar nas casas atuais, segundo ela, é dar a vitória ao governo, “botar azeitona na empada de Eduardo Paes e de outros bandidos junto com ele”<sup>13</sup>. No entanto, ela defende que é importante a permanência das famílias:

O papel dos moradores que ficaram aqui... essas famílias que estão aqui são as que andavam na luta com a Associação. São as que acreditaram que podiam ficar, e que elas já estavam no

<sup>13</sup> O comentário da ex-moradora é polêmico, obviamente. Durante o processo de remoção a Prefeitura Municipal individualizou o atendimento aos moradores de forma a desintegrar o movimento de resistência e obrigou aqueles que permaneceram a viver em meio aos escombros. As famílias da comunidade, cerca de 650 antes das remoções, não viviam em um consenso único nem antes nem depois das remoções, o que é natural, e as ações da Prefeitura ampliavam o sofrimento e as tensões. O objetivo de expor a fala da ex-moradora entrevistada é, como mencionado, discutir e analisar as formas de construção de coesão a partir da memória, ainda que em disputa. A existência da disputa não minimiza a luta da Vila Autódromo, muito pelo contrário. A própria ex-moradora, ainda que não defenda a construção das casas atuais, apoia o Museu das Remoções.

miolo que ia ficar. Então, assim, eu vejo isso como que é a única coisa que restou da verdade da Vila Autódromo são essas famílias. Não as casas que elas estão (...) Eu não fiz uma luta junto com milhares de pessoas, centenas de pessoas, pra derrubar as casas e botar um projeto onde se vier os filhos casando, não tem mais onde ficar... Gente, o negócio era outra coisa. Já era área de especial interesse social. (Maria<sup>14</sup>)

Percebe-se, pela fala de Maria, que há uma controvérsia acerca da solução dada pela prefeitura, na medida em que não atendeu ao apelo pela permanência nas antigas casas. A ex-moradora, no entanto, defende a organização do Museu das Remoções como forma de manter viva a memória da Vila Autódromo<sup>15</sup>. A fala da entrevistada nos oferece um caminho para explicar como o Museu das Remoções se organiza para representar as memórias das remoções e da comunidade em si, a partir da mediação de conflitos inerentes a esse processo.

Os museus sociais podem ser interpretados como parte dos repertórios de ação dos movimentos sociais organizados nas favelas cariocas, ao passo que são fundamentais para a concepção de quadros interpretativos acessíveis à sociedade, ou seja, colocam em linguagem comum suas demandas. Sidney Tarrow (2009) considerava como fundamental a realização desta espécie de tradução que os movimentos são capazes de fazer:

Os movimentos tentam enunciar reivindicações em termos de quadros de significados compreensíveis para uma sociedade mais ampla; usam formas de ação coletiva extraídas de um repertório existente e desenvolvem tipos de organização que frequentemente imitam as organizações às quais se opõe (Tarrow, 2009, p.45)

---

<sup>14</sup> Nome fictício.

<sup>15</sup> Ou seja, a ex-moradora é contrária à construção das casas atuais, mas é a favor da organização do Museu. Os sentimentos parecem conflitantes, e expõe o sofrimento ao qual foram submetidos os moradores e ex-moradores da Vila. A entrevistada gostaria de manter as casas antigas pois com sua destruição foram derrubadas as possibilidades de futuro que ela vislumbrava ali (local para os filhos morarem, como mencionou)

Nesse sentido, explorar os conflitos inerentes ao processo de tradução que o Museu das Remoções realiza a partir das diversas memórias com que dialoga parece uma tarefa interessante, sem enaltecer nem censurar nenhuma das visões encontradas durante a pesquisa empírica realizada (como propõem Elias & Scottson).

A constituição do museu, segundo Bogado (2017), ocorreu em três fases: 1) idealização e discussão da proposta entre apoiadores e moradores, 2) oficinas de memória realizadas a partir de um projeto de extensão à comunidade da Faculdade de Arquitetura da Universidade Anhanguera, junto a moradores e ex-moradores da Vila Autódromo:

as dinâmicas de diálogo comunitário e resgate de memória prosseguiram com Roda de Leitura, oficina de fotografia aberta e coletiva com moradores e ex-moradores da Vila Autódromo, e de outras comunidades, conferindo autonomia aos participantes para registrar o cotidiano através do próprio olhar (BOGADO, 2017, p.284).

Ainda nesta etapa, foi realizada “oficina de conhecimento do lugar com *devoir* pela comunidade” (Ibid.), que consistiu no resgate de peças demolidas da comunidade para construção do acervo do museu, sob orientação de moradores. A terceira etapa foi a criação do espaço expositivo a céu aberto, ou seja, a demarcação dos lotes onde haviam residências e a colocação das esculturas elaboradas a partir dos escombros pelos alunos do projeto. O Museu foi aberto oficialmente no dia 18 de maio de 2016, quando houve a realização da primeira exposição das esculturas mencionadas.

Em 2018, o Museu inaugurou um percurso expositivo que assinala, no território<sup>16</sup>, alguns dos locais fundamentais à comunidade e que reiteram a importância da luta contra as remoções, além de denunciar a violência estatal. As placas que compõem o percurso expositivo do Museu das Remoções foram pensadas pelos moradores e ex-moradores a partir das ruínas que ainda se encontram no território da Vila, e é interessante notar como reverenciam

<sup>16</sup> Ver mais em: <https://rioonwatch.org.br/?p=36590>. Acesso em junho de 2020.

aqueles que permaneceram morando na comunidade com a frase “lutou e permaneceu”. As placas localizam-se em pontos específicos onde se encontravam as casas destruídas, ou fazem referência a episódios importantes na luta contra as remoções. São 21 placas no total, sendo:

- 1 - Igreja de São José Operário
- 2 - Ruínas da casa de Zezinho e Inês
- 3 - Pisos (ruína) da casa de Wilson e Iolanda
- 4 - Poste da casa da Jaqueline
- 5 - Associação de moradores
- 6 - Rua Vila Autódromo - Antiga Rua Nelson Piquet
- 7 - Rua Gilles Villeneuve
- 8 - Origem do Museu das Remoções: mapeamento de memória e festivais culturais
- 9 - Contêineres: Onde 9 famílias residiram por 73 dias.
- 10 - Ruínas da casa de dona Denise: Lutou e permaneceu
- 11 - Local da antiga padaria.
- 12 - Lote da família da dona Dalva: Lutou e permaneceu
- 13 - Rua Francisco Landi, onde residiu a família da Sandra Regina: Lutou e permaneceu
- 14 - Ruínas da casa do senhor Adão
- 15 - Final da rua Beira Rio, onde residiram a família da Iara e Gaúcho: Lutaram e permaneceram
- 16 - AEIS (Área de Especial Interesse Social - lei complementar 74/2005): Onde famílias poderiam permanecer morando
- 17 - Últimas barricadas: (Herança da Luta)
- 18 - Parquinho das Crianças
- 19 - Espaço OCUPA
- 20 - Travessa da resistência

21 - Legado do Projeto “Futuro da Memória”<sup>17</sup>

As ruínas fazem parte do cotidiano dos moradores atuais da Vila Autódromo. As placas estão expostas todos os dias, e são vistas ao caminhar pela comunidade. Três placas dão nome às ruas da comunidade (Travessa da Resistência, Rua Vila Autódromo e Rua Gilles Villeneuve), sendo que duas delas imitam o *design* das placas de rua utilizadas na cidade do Rio de Janeiro, como se vê na imagem abaixo. Foi uma forma de denunciar a falta de reconhecimento das ruas da Vila pela prefeitura e ao mesmo tempo tornar o bairro, ao menos simbolicamente, como parte da cidade.



Fonte: Museu das Remoções

Myrian Sepúlveda dos Santos (2013), ao discorrer acerca da construção de um Ecomuseu nas antigas instalações das prisões de Ilha Grande, considera que a memória sempre carrega consigo o esquecimento. É interessante, no caso aqui analisado, pensar nas formas de construção do que são as memórias a serem mantidas e aquelas que podem cair no esquecimento. As populações marginalizadas que vivem nas comunidades onde se formaram os movimentos lutam diariamente, de alguma forma, contra o esquecimento, quando não são lembradas como parte da sociedade que têm direitos assegurados, ou mesmo

<sup>17</sup> O Projeto Futuro da Memória foi financiado pelo Instituto Goethe e culminou na construção de um anfiteatro a céu aberto na comunidade. O resultado é visto de maneira controversa na comunidade, pois alguns moradores veem o espaço como algo imposto pelos arquitetos e não construído a partir do diálogo comunitário.

contra o apagamento<sup>18</sup>, quando enfrentam a remoção. A produção de um discurso de permanência nos locais de moradia, a partir da memória daqueles que vivem nessas circunstâncias precárias, é moldada a partir dessas duas formas de anulação a que estão submetidas, e muitas podem resultar “uma ruptura em relação a este mesmo passado que se procura alcançar” (SEPULVEDA SANTOS, 2013, p.222), à medida que acabam elas mesmas por apagar parte significativa da história da localidade.

Segundo a mesma autora, “a dificuldade de se manter um vínculo com o passado torna-se mais nítida quando os objetos são ruínas e testemunhos” (p.223), uma vez que impossibilitam o esquecimento dos sentimentos a que remetem. No caso da Vila Autódromo, as remoções marcaram intensamente a todos os moradores. José<sup>19</sup>, um dos que permaneceram, assim descreve os sentimentos que teve:

Eu fiz uma lista do que eu perdi, do que eu perdi nessa resistência, aí comecei a listar. Estava fazendo curso de teclado, tive que parar. Curso de inglês, tive que parar. Eu trabalhava em três empregos, perdi dois (...). E as coisas que deixei de fazer, o lazer, o social (...). As angústias que eu passei, as tristezas profundas, as depressões que só eu sei, tive que lidar pra passar sozinho com isso sem passar pra ninguém. A cada casa que eu via derrubando era uma facada no meu peito. Me senti traído. Porque as pessoas falam que estavam contigo, aí daqui a pouco está na mudança de madrugada e a gente não vê mais o cara. (José)

Estar em contato com as ruínas das casas das pessoas que saíram significa um sofrimento constante aos moradores da Vila Autódromo, e é algo que na

---

<sup>18</sup> Myrian Sepúlveda dos Santos lembra do conceito “instituições totais” de Erving Goffman, ao tratar dos estereótipos hostis que são designados à população encarcerada. É como se existisse um apagamento dessas pessoas à medida que “a hierarquia é mantida a partir de uma série de estratégias que visam desestruturar a identidade daqueles que são considerados inferiores, como a proibição de lhes facultar a razão; a obrigatoriedade do cumprimento de regras sejam elas racionais ou irracionais; e a destituição de sinais que lhes são caros, como nome, vestimentas, corte de cabelo, e, até mesmo, posturas corporais”. Pode-se pensar nas remoções como instituições totais nesse sentido, ao passo que é um processo de desestruturação identitária também.

<sup>19</sup> Nome fictício.

época das remoções ficava ainda mais latente. Alguns autores veem como tática estatal o abandono de construções semidestruídas em comunidades passando por projetos de remoção, pois o contato direto com os destroços faria aqueles que permaneceram quererem sair o mais rápido possível, facilitando a ação do governo. A manutenção das ruínas serve, de alguma forma, para mostrar a crueldade dos processos de remoção que ocorreram e ocorrem na cidade, e também pode ser compreendida como elemento de criação de identidade frente à disputa por memória. Como colocam Mariana Cavalcanti e Paulo Fontes (2011, p.32):

o sentido da ruína depende, nesse caso, mas talvez também em outras instâncias, em grande medida, de como cada sujeito constrói e narra a historicidade do espaço urbano que produziu a ruína

É possível dizer, portanto, que os usos das ruínas e das memórias pelos moradores da Vila Autódromo adquirem significados distintos dependendo tanto dos sujeitos que recorrem a eles, como da temporalidade em que se dão e a qual se referem. Constituem-se, desta forma, como ferramentas para a permanência e reconhecimento dos moradores, sendo fundamentais na luta pelo direito à cidade, entendido como compartilhamento dos processos decisórios e participativos de construção do cotidiano local.

### **Possíveis Conclusões**

A memória acredita antes de o conhecimento lembrar. Acredita um tempo maior do que recorda, um tempo maior até do que o conhecimento imagina (Willian Faulkner)

A partir dos pontos apresentados e discutidos ao longo do artigo, é possível pensar os Museus Sociais como estratégias de criação de uma identidade social que integra as heranças do passado e o ser presente, de forma a unir recursos para disputar o cotidiano da cidade - a participação e o reconhecimento efetivos da Vila Autódromo nela, no caso específico do Museu das Remoções,.

Ao apresentar o percurso expositivo do Museu das Remoções, os moradores costumam iniciar sua fala dizendo que são parte daquilo: “Vocês estão falando com uma peça do Museu”, ou “Nós somos o Museu”. A partir dessa fala, percorre-se um espaço da cidade onde 20 casas e uma Capela permanecem de pé e denunciam a violência das remoções executadas pelo Estado entre 2014 e 2016. O acordo assinado pela Prefeitura no ano dos Jogos Olímpicos ainda não foi totalmente efetivado, e as atividades do Museu das Remoções procuram tornar isso público cotidianamente, ademais das outras atividades que realizam (apoio a outras comunidade ameaçadas de remoção, por exemplo).

O Museu das Remoções constitui-se, portanto, uma importante ferramenta não só de manutenção da memória, mas de criação de cotidiano, uma vez que traduz algo constante à Vila: a violência das remoções. Tornando o processo de remoção vivo no espaço da cidade, o Museu expõe o caráter cotidiano da violência a que ainda estão sujeitos os moradores quando não têm o acordo cumprido ou quando não recebem correspondências em suas casas<sup>20</sup>. O recurso à memória demanda o reconhecimento de ser parte da cidade, e a associação de diversas pessoas a partir do Museu possibilita à localidade sua sobrevivência na cidade e o diálogo com um público mais amplo. Através desta formação de movimento, ativistas de outras favelas e de universidades, ademais de apoiadores indiretos são convidados a participar ativamente da sociedade civil.

É possível afirmar que as remoções realizadas na Vila Autódromo constituíram-se em “modelo de uma forma de planejamento urbano elitista e segregador do fracassado projeto olímpico da cidade do Rio de Janeiro” (GONÇALVES & VALE, 2019, p.452). Passados os jogos, no entanto, a comunidade mostra ser possível, através do Museu das Remoções, a ressignificação do que ocorreu e o uso das memórias em seu benefício e de outras comunidades que passam pelas mesmas ameaças atualmente. Tendo nascido justamente como parte do processo contra as remoções, o Museu das

---

<sup>20</sup> Desde as remoções, os moradores são obrigados a se dirigir a uma agência dos correios para buscar suas correspondências.

Remoções se tornou importante ferramenta de luta contra um formato de Estado colonizador, que impõe determinadas formas de existência a certas camadas sociais, e que não reconhece o tipo de vida que essas pessoas levam como dignas de serem vividas.

## Referências

- ALCÂNTARA, C. “Museus em periferias urbanas brasileiras”. **Horizontes Antropológicos**, 53, 2019. Acesso em 22 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/horizontes/2939>
- BOGADO, D. **O Museu das remoções da Vila Autódromo: Potência de resistência criativa e afetiva como resposta sociocultural ao Rio de Janeiro dos megaeventos**. Tese de doutorado, Universidad de Sevilla, Sevilha, 2017.
- CHAGAS, M. ASSUNÇÃO, P. GLAS, T. **Museologia Social em Movimento**. XV Conferência Internacional do MINOM. 2013
- CHAGAS, M.; GOUVEIA, I. “Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação)”. **Cadernos do CEOM**, ano 27, n. 41, p. 9-22, 2014.
- CAVALCANTI, M.; FONTES, P. “Ruínas industriais e memória em uma “favela fabril” carioca”. **Revista História Oral**, v. 14, n. 1, p. 11-35, jan.-jun. 2011.
- ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Zahar. Rio de Janeiro, 2000.
- GONÇALVES, R.; VALE, J. “Remoções e megaeventos no Rio de Janeiro: a luta de Resistência dos moradores da Vila Autódromo”. **Revista de Políticas Públicas**. 2019.
- POLLAK, M. “Memória e Identidade Social”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- SANTOS, M.S. “Por uma sociologia dos museus”. **Cadernos do CEOM**, v. 27, p. 47-70, 2015.
- TARROW, S. **O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis, Vozes, 2009.